

PARA-FORMAL NO CENTRO DA CIDADE: MEDIAÇÕES E CONTROVÉRSIAS NO USO DO ESPAÇO PÚBLICO

LORENA MAIA RESENDE¹; GUSTAVO DE OLIVEIRA NUNES²; LAÍS
DELLINGHAUSEN PORTELA³; RAFAELA BARROS DE PINHO⁴; DÉBORA
SOUTO ALLEMAND⁵; EDUARDO ROCHA⁶.

¹*Universidade Federal de Pelotas – lorenamilitao@gmail.com;*

²*Universidade Federal de Pelotas – gustavohnunes@msn.com;*

³*Universidade Federal de Pelotas – laiisdp@gmail.com;*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com;*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – deborallemand@hotmail.com;*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br.*

1. INTRODUÇÃO

A preocupante relação entre a demografia e a produção urbana é a primeira problemática para a efetivação do projeto de extensão. Vivemos hoje um estreitamento das relações entre as condições de habitabilidade do “mundo” e os problemas de configurações e desconfigurações técnicas e políticas da cidade. Ecologia e precariedade são dois aspectos que enfrentaremos em um futuro próximo, seja o primeiro devido à produção urbana se elevar a faixa de um evento “natural”, ou o segundo por mostrar que o avanço das cidades sobre o território se dá por meio de um processo de distribuição dos recursos e riquezas desigual, em que a urbanização se assemelha a uma “máquina de pobreza”.

É difícil perceber se esses são problemas políticos, econômicos, científicos ou técnicos. Mas existe a possibilidade de descrever-los através do que o autor Bruno Latour chama de “experimentos coletivos” (LATOUR,2001). Os experimentos são constituídos em sua maioria por pequenas ações do dia-a-dia, alterações e transformações do ambiente, motivo pelo qual vemos manifestar nos resultados e não no processo. Estas pequenas ações fazem emergir aos poucos realidades conectadas. E, por esse motivo, que o projeto chamado “para-formal no centro da cidade” pretende focar nos lugares incertos da cidade, lugares que poderíamos chamar de “experimentais”, e em cartografar narrações que vão enleando-se uma com as outras através de alguns nós que denominamos de “controvérsias”.

Áreas do conhecimento como a economia e o urbanismo de mãos dadas com as políticas neoliberais, tem estabelecido o uso das categorias de “cidade formal e informal”. Pares de opostos que a mídia tenta forjar em um debate sobre o que é ou não a cidade e a urbanidade, como se existisse uma resposta definitiva e congelada das complexas relações urbano-ecológicas. Assim, é partindo desses estereótipos que a ação de extensão “O lugar do para-formal” pretende experimentar categorias alternativas para explorar o campo do meio, a zona gradual e complexa onde acreditamos estar a verdadeira máquina da cidade. Neste sentido usamos o neologismo “para-formal”, artificial, provisório, algo relativo a forma porém não é ela mesma, tendo a preocupação de evitar tomar o formal e o informal como adjetivos fixos. A pretensão é introduzir alternativas locais e específicas tornando mais “reais” os processos de transformação.

A ação de extensão realizou-se nos centros das cidades de Pelotas, Rio Grande e Jaguarão, que são cidades de atuação da equipe do Laboratório de

urbanismo, da FAUrb/UFPel. Através das cartografias urbanas, fazendo uso de recursos infográficos e divulgando as atividades por meio de um website que se chegou aos resultados. Os lugares considerados “para-formais” nesse projeto são aqueles que se encontram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação). Poderíamos dizer que as situações informais e instáveis são expressões visíveis dos processos de inovação, adaptação a situações novas, enquanto que os sistemas formais são conjuntos e atores duramente estabilizados por regulação de suas relações.

Como resultados serão produzidos mapas urbanos, ações no espaço público, entrevistas com as partes envolvidas e reuniões de mediação. As principais contribuições esperadas são: os avanços na área de cadastro e mapeamento de configurações complexas; a produção local de metodologia e tecnologia; a produção de conhecimento sobre ecologias urbanas “para-formais” e; a produção de conhecimento sobre metodologia de cartografia urbana e social.

2. METODOLOGIA

A metodologia desse projeto tem como ponto de partida o caminhar no centro das cidades. O caminhar do errante, aquele que sai sem rumo, não tem um ponto de partida e nem de chegada fixos. Caminha perdido por dentre um território urbano conhecido e ignorado ao mesmo tempo. Ao caminhar esse corpo (usuário, turista, planejador, etc.) cria mapas, deixa marcas e rastros – cartografias urbanas – que podem nos auxiliar a compor um novo universo sobre a cidade na contemporaneidade (DELEUZE, 1995; JEUDY, 2005; JACQUES, 2006).

Os procedimentos metodológicos – qualitativos – se desenvolvem em três planos: teórico, prático e projetual. Inicialmente, no campo teórico, realiza uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de cartografia urbana, ecologia urbana, história da cidade, crescimento, morfologia, mobilidade, errância¹, percepção ambiental, sustentabilidade, políticas de governo, infraestrutura, projetos históricos relevantes, projetos atuais relevantes, estudo da cidade e relação de seus elementos com o conceito. Em seguida, se fez necessário uma pesquisa referente às cidades estudadas, como número de habitantes, à morfologia urbana, histórico da cidade, atividades culturais, a existência ou não de associação de artesãos, dentre outros.

Com todo embasamento teórico, o próximo passo – prático – está na coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais das cidades (figura 1); identificação, análise e classificação dos equipamentos “para-formais” encontrados; organização de dados referentes à coleta de imagens e análise das atividades realizadas. O material utilizado nessa etapa consiste em câmera fotográfica para registro, um mapa do local pontuando os casos localizados e uma tabela sucinta para dar características aos equipamentos, identificar o tipo de atividade, a conservação, sua inserção no espaço público, etc.

¹ Segundo Paola Jacques: “Errar, ou seja, a prática da errância, pode ser um instrumento da experiência urbana, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional. A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária. O errante é então aquele que busca o estado de espírito (ou melhor, de corpo) errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções” (2006, p.6).



Figura 1 – Captura de fotografias do "para-formal". Da esquerda para direita, venda de ouro em Pelotas, uso de poste como biciletário em Rio Grande e carrinho de pipoca em Jaguarão.

Por fim, em se tratando da fase projetual, a ideia é de promover e instalar imagens “para-formais” do centro cidade, descobertas nas experiências obtidas pelos mapas de errância urbana: sejam para apresentação as autoridades locais, agenciamento de passeios pelos lugares delimitados no projeto, a exposição do material em eventos e uma possível publicação dos mesmos.

A ideia é conseguir ao final do trabalho que os resultados afetem a população local de tal forma que as errâncias pelo centro da cidade e a busca de visualidade para as “para-formalidades”, sejam agora carregadas de sentido e sensações (DELEUZE, 2000), assim como condições favoráveis a sua prática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a errância realizada no centro das três cidades de estudo (Pelotas, Rio Grande e Jaguarão) identificou-se os atores e objetos para-formais, tudo aquilo que ocupa o espaço público da cidade sem que esse tenha sido projetado para isso, subvertendo as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas.

A partir dessa coleta, parte-se para a identificação dos equipamentos “para-formais” presentes em cada atividade registrada (bancas, cestos, caixas, bancos, etc), classificando-os quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, além de fazer a relação dos corpos com os equipamentos e de reconhecer elementos que possam modificar as atividades (como o clima, a estação do ano etc.).

Em cada cidade limitou-se um trecho, aproximando das áreas centrais, que são os lugares de diversidade e densificação de atividades “para-formais”. E, sempre tendo em campo o mapa da área selecionada, apontava-se territorialmente o local desses focos informais.

Em uma ficha foi tomado nota de cada caso. Uma breve descrição da atividade, localização, instalações, porte e sentidos. Assim, foi possível quantificar e sistematizar os dados recolhidos. Posteriormente esses números serão úteis para uma estatística e comparação com as demais cidades.

Assim, alguns cruzamentos foram feitos a partir do material coletado, levando-nos na direção de algumas descobertas, destacamos:

- **Trailers:** Os trailers são a categoria “para-formal” de “maior evidência”, são encontrados em locais diversos da cidade, desde a praça central, como em canteiros centrais, ruas de menos trânsito e juntamente com outros aglomerados “para-formais”.
- **Paraciclos inventados:** qualquer coisa: grade, poste, etc., pode servir de apoio para guardar a bicicleta do usuário no centro da cidade. Durante as errâncias

pudemos observar uma enorme quantidade desse uso “para-formal” de um elemento do espaço público e também privado indiscriminadamente.

- **“Para-formal” no formal:** Uma categoria muito recorrente é o que chamamos de “para-formal no formal”: trata-se de atividades “para-formais” que ocorrem anexadas às atividades formais (lojas, restaurante, etc.). O formal avança sobre o espaço público, acomodando-se nas calçadas, fachadas e até mesmo em vagas de estacionamento e caixas de rolamento, como uma extensão das vitrines.

- **Vendedores isolados móveis ou ambulantes:** Ao andar pelas ruas da cidade, uma atividade que chama atenção são os vendedores isolados móveis, são aqueles que tentam vender seu produto sem “ponto comercial fixo” ou talvez um território.

- **Grandes conjuntos “para-formais”:** Conjunto este normalmente conhecido como “Camelôs”, trata-se de um aglomerado de atividades “para-formais”, formado por bancas que vendem de vestuário a eletrônicos, passando por alimentos e de tudo o que se possa imaginar. Circular por esses conjuntos é como andar em um labirinto.

- **Moradores de rua:** Em boa parte das cidades estudadas são encontrados os moradores de rua. Pessoas desfavorecidas que, por falta de opção, moram em calçadas, normalmente em lugares abertos, porém cobertos com marquises. Por estarem presentes todos os dias nas ruas acabam por fazer parte do cenário urbano o qual estamos acostumados a conviver. Infelizmente é realidade em boa parte das cidades da América Latina.

4. CONCLUSÕES

As cenas “para-formais” não chegam a ser obstáculos, mas por outro lado pontos de referência – coisas interessantes (GEHL, 2013) – e que chegam a servir como parada e descanso ao pedestre (apoio corporal). A partir das análises e cruzamentos de mapas, foi possível chegar a algumas conclusões. A primeira delas é que o “para-formal” é carregado de costumes e identidade (identidade aqui entendida como forma de pertencer, participar). Além disso, o “para-formal” nos ensina novas soluções para a cidade na contemporaneidade, assim como anima, ensina, vive e experimenta a cidade. Outro ponto é que o desenho urbano existente (legal) acomoda-se às cenas “para-formais” e vice-versa, mas ao mesmo tempo ele também polui várias cenas, atrapalha e violenta a cidade e o cidadão. Por fim, o “para-formal” denuncia a ausência de equipamentos urbanos, principalmente os bicicletários, que nessas três cidades de estudo muitas vezes foram vistos placas de sinalização, postes, grades servindo de apoio para as bicicletas.

Assim, comprehende-se a importância das errâncias urbanas como forma de construção da cidade, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LATOUR, Bruno. **As políticas da natureza**. Florianópolis: EDUSC, 2004.
- DELEZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000
- GHEL, Jan. **Cidades para as pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GHEL, Jan; SVARRE, Birgitte. **How to study public space**. Londres: Island Press, 2013.
- JACQUES, P. B. [org.]. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.